

# **Ideologia: um conceito em debate na tradição marxista e a abordagem em história do pensamento econômico de Karl Marx**

**Carla Curty<sup>1</sup>**

**Área:** 1. Metodologia e História do Pensamento Econômico

**Sub-área:** 1.2. História do Pensamento Econômico

**Classificação JEL:** B0; B14; B24; B51

**Artigo submetido às Sessões de Comunicações**

**Resumo:** Ideologia é um conceito com muitos significados distintos, dependendo do autor, do contexto e da forma como é apresentado pode significar coisas até mesmo conflitantes. Dada esta característica polissêmica, existe um amplo debate dentro da filosofia, mais especificamente, no campo da “sociologia do conhecimento” sobre a ideologia. Dentro do campo marxista este debate é extremamente amplo e fértil. Este trabalho tem como objetivo apresentar, de forma breve, alguns elementos deste debate, em especial no que concerne a abordagem deste conceito na obra de Karl Marx. Em paralelo a isto, apresenta-se também alguns elementos do sistema teórico de Marx, seu método e as bases de sua análise em história do pensamento econômico (HPE), de forma a traçar uma articulação entre o conceito de ideologia e a análise de história do pensamento econômico de Marx.

**Palavras-chave:** ideologia; história do pensamento econômico; Karl Marx, marxismo

**Abstract:** Ideology is a concept with many different meanings, depending on the author, the context and the way it is presented, it can have even conflicting meanings. Given this polysemic characteristic, there is a broad debate within the philosophy, more specifically, in the field of "sociology of knowledge" about ideology. Within the Marxist camp this debate is extremely broad and fertile. This paper aims to briefly present some elements of this debate, particularly, with regard to the approach of this concept in the work of Karl Marx. In parallel to this, it is also presented some elements of Marx's theoretical system, his method and the bases to his analysis on history of economic thought (HET), in order to draw a link between the concept of ideology and Marx's analysis on history of economic thought.

**Key words:** ideology; history of economic thought; Karl Marx, marxism

---

<sup>1</sup> Pesquisadora do Laboratório de Estudos Marxistas José Ricardo Tauile (LEMA - IE/UFRJ) e mestranda do Programa de Pós-graduação em Economia Política Internacional (IE/UFRJ). Correio eletrônico: carla\_curty@yahoo.com.br

# **Ideologia: Um conceito em debate na tradição marxista e a abordagem em história do pensamento econômico de Karl Marx**

## **I – Introdução**

O conceito “ideologia” pode ser apresentado de diversas formas, seja sob o significado de “concepção/visão de mundo”, seja como “conjunto de idéias”, ou ainda mesmo como “doutrina e/ou posicionamento político”. Ou seja, é um termo que, dependendo de como, por quem, ou ainda, em que momento teórico e histórico for apresentado pode representar um conceito bem distinto – quiçá, como ocorre muitas vezes, até mesmo conflitante – que o representado em outra ocasião.

Neste sentido, considera-se importante o movimento de buscar compreender este debate, mapeando os principais elementos que o constituem, seus principais autores e comentadores. A pretensão não é estabelecer a palavra final do debate, mas sim compreendê-lo, de forma a estabelecer elementos de conexão entre o conceito de ideologia e a análise em história do pensamento econômico realizada por Karl Marx, em especial em sua obra *Teorias da mais-valia*.

O trabalho está dividido em três seções para além desta introdução. Primeiramente, são apresentados alguns dos principais elementos acerca do debate em torno do conceito de ideologia, expondo análises de comentadores e alguns elementos deste conceito nas obras de Karl Marx, Friedrich Engels e Antonio Gramsci. Posteriormente, apresentam-se, brevemente, elementos do método de Karl Marx, o *materialismo histórico dialético* e também o cerne de sua análise em história do pensamento econômico. Por fim, expõe-se uma articulação entre o conceito de ideologia e a história do pensamento econômico, especialmente, a partir da análise de Karl Marx.

## **II – Ideologia: um conceito em debate**

Em uma primeira tentativa de entender e apresentar como este conceito é compreendido dentro do campo marxista – visto que a partir do método materialista

histórico dialético<sup>2</sup> – considera-se que há neste campo uma análise mais complexa acerca da questão da ideologia, ao se incorporar à análise questões como a historicidade do conceito e a materialidade, isto é, a noção de que as idéias não surgem de um ideário coletivo ou de um espírito geral, de uma espécie de balcão de idéias cuja variedade disponível estaria ligada diretamente à genialidade do pensador, simplesmente criadas em vazios, como raios em um céu limpo e estrelado, mas são as representações teóricas de processos sociais, econômicos e políticos, que não só refletem a realidade concreta que permeia o autor, mas que também influenciam esta realidade, alterando-a e transformando-a – buscou-se nos diversos comentadores que mapearam (ou tentaram mapear) este conceito, tais como Terry Eagleton, Leandro Konder, Slavoj Žižek e Michael Löwy, pistas de como este conceito poderia ser apresentado.

O conceito “ideologia” é extremamente polissêmico, repleto de ambigüidades, contrariedades e polêmicas. Seguindo a metáfora que Leandro Konder (2002, p.12) utiliza na introdução da obra “A questão da ideologia”, a ideologia pode ser encarada como a esfinge moderna, que provocaria, ironicamente: “Decifra-me, enquanto te devoro”. Para evitar a destruição, aparentemente, iminente que o desafio da compreensão da ideologia nos coloca é preciso tentar compreender os diversos aspectos que este conceito pode assumir, seja em suas acepções negativas, seja em suas acepções positivas.

Terry Eagleton em sua obra “Ideologia” (1991) reconhece a dificuldade de se chegar a um único e fechado significado deste conceito. Para o autor inglês, muito mais importante que uma única definição hermética do termo é o processo de análise do conceito em suas diferentes acepções, nos diferentes teóricos no processo da história das idéias e da chamada “sociologia do conhecimento”<sup>3</sup>.

“Ninguém propôs ainda uma definição única e adequada de ideologia, e este livro não será uma exceção. E isso não porque as pessoas que trabalham nessa área sejam notáveis por sua pouca inteligência, mas porque o termo ‘ideologia’ tem toda uma série de

---

<sup>2</sup> O debate acerca do método, e em especial do materialismo e da dialética, é um debate muito amplo e complexo que não caberia ser apresentado de forma muito aprofundada no escopo deste trabalho, no entanto, algumas questões referentes a este método são apresentadas na próxima seção deste trabalho. Para efeitos de compreensão, parte-se da noção de que as análises apresentadas pelos autores a serem tratados neste trabalho seguem este método.

<sup>3</sup> Termo muito utilizado por Michael Löwy em suas obras de 1985: *As aventuras de Karl Marx contra o Barão de Münchhausen* e *Ideologias e ciência social: elementos para uma análise marxista*, ambos publicados pela Cortez Editora.

significados convenientes, nem todos eles compatíveis entre si. [...] A palavra ‘ideologia’ é, por assim dizer, um texto, tecido com uma trama inteira de diferentes fios conceituais; é traçado por divergentes históricas, e mais importante, provavelmente, do que forçar essas linhagens a reunir-se em alguma Grande Teoria Global é determinar o que há de valioso em cada uma delas e o que pode ser descartado.” (EAGLETON,1991, p. 15)

Seguindo esta linha de raciocínio, o autor estabelece um conjunto de seis definições que poderiam contribuir para o mapeamento do conceito (Eagleton, 1991, p. 38-40):

- Ideologia pode ser entendida, de forma bastante ampla, como um processo material de produção de idéias, crenças e valores na vida social, de forma generalizada. Esta definição seria uma definição neutra, do ponto de vista político e epistemológico, mas, no entanto, enfatiza o aspecto material da determinação social do pensamento;
- Ideologia também pode ser entendida como o conjunto de idéias e crenças – sejam elas verdadeiras ou falsas – que simbolizam as condições e experiências de vida de um determinado grupo ou classe social, socialmente significativo. Este conceito se aproxima do conceito de “visão social de mundo”, que na definição de Michael Löwy (1985b, p. 13) pode ser entendida como “todos aqueles conjuntos estruturados de valores, representações, idéias e orientações cognitivas. Conjuntos esses unificados por uma perspectiva determinada, de um ponto de vista social, de classes sociais determinadas.”;
- Como nenhuma das definições apresentadas até aqui explicitam a relação conflituosa que permeia a noção de ideologia, uma terceira definição para ideologia se faz necessária, uma definição, que, segundo Eagleton, “trate da promoção e legitimação dos interesses opostos” (p. 39) Neste sentido, “A ideologia pode ser vista aqui como um campo discursivo no qual os poderes sociais que se autopromovem conflitam e colidem acerca de questões centrais para a reprodução do poder social como um todo.” (p. 39);

- Um quarto significado de ideologia conservaria a ênfase na promoção e legitimação de interesses setoriais, restringindo-a, porém, às atividades de um poder social dominante;
- “uma quinta definição, na qual a ideologia significa as idéias e as crenças que ajudam a legitimar os interesses de um grupo ou classe dominante, mediante sobretudo a distorção e a dissimulação” (p. 39);
- Por fim, Eagleton apresenta uma noção de ideologia “cuja ênfase recai sobre as crenças falsas ou ilusórias” (p. 40), este caráter ilusório seria, no entanto, proveniente do tipo de estrutura material da sociedade como um todo, e não somente dos interesses da classe dominante (mais a frente, neste trabalho, será possível perceber a articulação da noção de ideologia que Karl Marx apresenta em seu livro *O capital*).

É importante notar que estas concepções de ideologia caminham para a articulação deste conceito com o conceito de poder (em especial as “definições” terceira, quarta e quinta apresentadas acima). Um autor (dentre vários) no campo marxista que desenvolve esta articulação é Antonio Gramsci, conforme será brevemente apresentado neste trabalho, sinalizando a concepção gramsciana de ideologia.

Além destes elementos que podem constituir diferentes definições para o conceito “ideologia”, também podemos destacar os elementos “positivos” e “negativos” que podem compor o conceito. Alguns autores compreendem que a ideologia representa, necessariamente, elementos ilusórios, falsos e mistificadores, diretamente relacionados à dominação que uma específica classe realiza perante toda a sociedade (neste caso, a burguesia) e, portanto, negativos (por exemplo, como veremos mais a frente, esta é a concepção de Friedrich Engels). Enquanto outros não dão centralidade a este caráter negativo, mistificador da ideologia, e consideram que na “batalha das idéias” que pode vir a ser travada no espectro mais amplo da luta de classes poderia haver uma chamada “ideologia socialista/proletária” através da organização de uma visão social de mundo proletária, tal como Lênin argumenta em seu célebre escrito *O que fazer?*, que faria contraponto à ideologia conservadora da classe dominante burguesa.

A partir deste voo panorâmico apresentador do conceito e do debate é possível dizer que a questão da ideologia se torna cada vez mais complexa e nebulosa. Como já fora dito anteriormente, este trabalho tem como objetivo apresentar o debate em torno

do conceito da ideologia e as questões que o permeiam, de forma a trazer uma articulação deste conceito com o campo da história do pensamento econômico. E neste contexto, Marx, ainda que não tenha sido o primeiro autor a se debruçar sobre o conceito no debate filosófico, é um autor sobre o qual é fundamental nos debruçarmos, visto que no conjunto da obra deste autor o conceito ganha complexidade e nuances que o transformam em um autor central para a compreensão deste conceito e de suas implicações para a análise concreta da realidade social e, também, para a análise do pensamento econômico.

## II.1 – Ideologia em Marx e Engels

Karl Marx aborda a questão da ideologia em diversos escritos – alguns deles, como *A ideologia alemã*, escritos em parceria com Friedrich Engels – em diferentes fases de sua trajetória intelectual. É possível destacar as principais contribuições de Marx neste campo nos seguintes escritos: *Manuscritos Econômicos e Filosóficos* (1844), *O 18 de Brumário de Luis Bonaparte* (1851), *Grundrisse* (1857), o famoso *Prefácio* ao livro *Contribuição à crítica da Economia Política* (1859), *O capital* (cujo livro I, volume I fora publicado em 1867, mas que compreende uma obra de quatro livros que só terminou de ser publicada em 1905, com a edição alemã de seu livro quarto – *Teorias da mais-valia*) e, por fim, ainda que cronologicamente anterior a outros escritos supracitados, a obra escrita com Friedrich Engels em 1846, *A ideologia alemã*.

Nestas diversas obras o conceito de ideologia aparece com nuances diferentes. A princípio a ideologia é apresentada como uma especulação metafísica idealista, que inverteria e, de certa forma, ignoraria a realidade, tal como é apresentado em *A ideologia alemã* – e talvez, a acepção mais difundida do conceito de ideologia em Marx – é enquanto que em outros escritos, tal como o *Prefácio* ao livro *Contribuição à crítica da Economia Política* este sentido negativo da ideologia é apresentado de forma atenuada.

Esta concepção “negativa” da ideologia reflete a noção de que as representações e idéias são ideológicas porque negam suas raízes na sociedade com efeitos politicamente opressivos, isto é, são reflexos das idéias das classes dominantes, no caso, a burguesia, e ocultariam as relações concretas da sociedade. Além disto, estas idéias

poderiam se tornar ideológica por serem expressões diretas de interesses materiais, instrumentos eficazes na luta de classes. As idéias da classe dominante formariam, assim, um elemento eficaz para a sua dominação política, através de seu caráter universalizante, mistificador, ilusório e naturalizante, que velaria a essência das relações sociais de toda sociedade<sup>4</sup>, invertendo a realidade em sua aparência, de tal maneira que as idéias, aparentemente, seriam o principal elemento condutor da realidade e estas idéias e os interesses das classes dominantes poderiam ser vistos como o interesse geral da sociedade, e não particulares, justificando e naturalizando, assim, as relações sociais existentes e permitindo a continuidade da dominação destas classes.

O sentido dominantemente pejorativo da ideologia será, contudo, atenuado em outros escritos. No *Prefácio* ao livro *Contribuição à crítica da Economia Política* (1859), um outro sentido da ideologia foi esboçado, um sentido que abre margem à interpretação da possibilidade de haver uma disputa da luta de classes no plano das idéias, uma disputa que se daria em várias frentes, não somente na desmistificação do caráter ilusório da ideologia dominante.

Em *O Capital*, através da análise da lógica do capital, em especial, da coisificação das relações sociais, as relações deixariam de ser entendidas como relações sociais, entre pessoas, passando a ser encaradas como relações entre coisas, e este aspecto, segundo Eagleton (1991), refletiria um novo patamar de acepção da ideologia. A ideologia seria, então, menos uma questão de a realidade tornar-se invertida na mente do observador (ainda que este aspecto não deixasse de constituir o fenômeno ideológico) do que a mente refletir uma inversão real, segundo a interpretação feita por Eagleton. A ideologia, neste aspecto, seria parte do fenômeno da própria economia capitalista.

Além da colaboração com Marx no famoso texto *A ideologia alemã*, a concepção de Engels acerca da noção da ideologia pode ser destacada pela forma como Engels escreve sobre a ideologia em uma carta de 1893 a Franz Mehring. Nesta carta Engels se refere à ideologia como um processo de *falsa consciência* (ele usa exatamente este termo, algo que, segundo Eagleton, 1991, p. 86, Marx nunca fizera). Esta concepção da ideologia como um processo de falsa consciência, ilusório teve e ainda

---

<sup>4</sup> No livro *O 18 de Brumário de Luis Bonaparte* (1851) Marx apresenta elementos que seriam as “*formas ideológicas*” através das quais os indivíduos tomam consciência, tais como a filosofia, a religião, a moral, o direito, as doutrinas políticas, ect. Neste mesmo texto, segundo Löwy (1985b), Marx também apresentaria o conceito de “*superestrutura ideológica*”, que refletiria, as visões/concepções de mundo, um conceito que permeia a questão da ideologia, tornando-o um termo mais amplo.

tem forte influência no debate acerca da ideologia no campo marxista e não pode ser ignorado, ainda que, para alguns autores, não represente a totalidade do conceito, e sim seja o reflexo de sua face negativa.

Terry Eagleton, em seu brilhante livro *Ideologia* (1991), ao mapear como o conceito aparece na tradição marxista, faz esta síntese de como o conceito aparece ao longo da obra de Karl Marx:

“Até aqui, então, parece que Marx nos deixa com três sentidos conflitantes de ideologia, sem nenhuma idéia muito clara de suas inter-relações. A ideologia pode denotar crenças ilusórias ou socialmente desvinculadas que se vêem como o fundamento da história e que, distraindo homens e mulheres de suas condições sociais efetivas (inclusive as determinantes sociais de suas idéias), servem para sustentar um poder político opressivo. O oposto disto seria um conhecimento preciso, imparcial das condições sociais práticas. Por outro lado, a ideologia pode designar as idéias que expressam os interesses materiais da classe social dominante e que são úteis na promoção de seu domínio. O contrário disso poderia ser o verdadeiro conhecimento científico ou a consciência das classes não-dominantes. Finalmente, a ideologia pode ser ampliada para abranger todas as formas conceptuais em que é travada a luta de classes como um todo, o que, presumivelmente, incluiria a consciência válida das formas politicamente revolucionárias. O que o contrário *disso* poderia ser é, presumivelmente, qualquer forma conceptual correntemente não envolvida em tal luta.” (EAGLETON, 1991, p. 82)

Esta “síntese” que Eagleton apresenta parece ser mais confusa que esclarecedora a respeito da forma como o termo “*ideologia*” seria apresentado por Marx. Seguindo a pista que este comentador nos dá é possível dizer que talvez não seja possível isolar os elementos, aparentemente, contraditórios que formariam o conceito. O que Marx faz ao longo de sua obra é colocar em prática o método que ele mesmo propõe – o materialismo histórico dialético – logo, o próprio conceito da ideologia sofre transformações, e deve ser entendido de forma dinâmica, nunca estanque. Os elementos apresentados inicialmente, tais como a questão “negativa” da ideologia presente em seu aspecto falseador, ilusório, não deixam de existir nas formulações mais “maduras” do conceito, mas aparecem de forma mais complexa, permeadas de elementos históricos, teóricos e materiais que não necessariamente estavam explicitados anteriormente. Talvez esta dinâmica, este aspecto orgânico – no sentido de movimento, de não rigidez – do conceito seja o que o torna uma esfinge moderna (de tão difícil análise e compreensão), mas também seja o que torna a análise dentro do campo marxista – que



consegue colocar em uso este método que evidencia o condicionamento histórico e social do conceito – a análise mais frutífera e esclarecedora, tal como a apresentada pelos chamados “*marxistas historicistas*”.

## **II.2 – Alguns desdobramentos para a tradição marxista – Noções do conceito de ideologia em Antonio Gramsci**

No campo do marxismo muitas foram as questões polêmicas e os debates travados pelas mais diferentes correntes e autores (por exemplo, existe toda a polêmica em torno da relação entre o positivismo e a Segunda Internacional). O conceito de ideologia não foi exceção, o que torna um estudo sobre este conceito incompleto sem ao menos pincelar alguns desdobramentos deste debate na tradição marxista e, também, faz com que seja difícil analisar o conceito em Marx sem se deixar influenciar pelos diversos debates e desdobramentos no campo marxista desde sua época.

Dentro deste campo, uma corrente chamada “marxismo historicista”, que, nas palavras de Löwy (1985a, p. 146) “se distingue pela importância central atribuída à historicidade (dialeticamente concebida) dos fatos sociais e pela disposição em *aplicar o materialismo histórico a si mesma*” (grifos originais do autor), pode ser destacada no debate sobre o conceito de ideologia.

Neste trabalho pretende-se expor, sinteticamente, como este conceito se apresenta em Antonio Gramsci, de forma a exemplificar como o conceito *ideologia* é debatido dentro desta corrente – nos termos de Löwy – do marxismo. Este revolucionário italiano pode ser considerado um dos principais autores (junto com Georg Lukács, Karl Korsch e Lucien Goldmann) desta corrente ocidental do pensamento marxista. Sua concepção diferenciadora entre “*ideologias orgânicas*” e “*ideologias arbitrárias*”, assim como a apresentação e diferenciação dos diversos elementos constitutivos de uma determinada concepção de mundo, relacionando *bom senso, senso comum, manifestações teóricas e intelectuais*, por exemplo, o tornam um autor destacado neste campo, refletindo a sua capacidade de matizar com profundidade o fenômeno ideológico.

Muitas das formulações de Gramsci foram feitas a partir da compreensão e estudo das obras de Karl Marx e Friedrich Engels. No tocante à questão da ideologia é

constantemente afirmado por comentadores de sua obra que o autor não teve contato com o famoso texto *A ideologia alemã*, e assim, afirmam comentadores como Guido Liguori (2007, p. 77-78), não teria tido a esta interpretação de Marx e Engels da ideologia como algo conotação negativa.

Segundo este mesmo comentador, a interpretação de Gramsci partiria do famoso *Prefácio*, de 1859, ao livro *Contribuição à Crítica da Economia Política*. Neste texto, ao afirmar que

“Quando se consideram tais transformações, convém distinguir sempre a transformação material das condições econômicas de produção – que podem ser verificadas fielmente com ajuda das ciências físicas e naturais – e as formas jurídicas, políticas, religiosas, artísticas ou filosóficas, em resumo, as formas ideológicas sob as quais os homens adquirem consciência desse conflito e o levam até o fim. Do mesmo modo que não se julga o indivíduo pela idéia que de si mesmo faz, tampouco se pode julgar uma tal época de transformações pela consciência que ela tem de si mesma. É preciso, ao contrário, explicar essa consciência pelas contradições da vida material, pelo conflito que existe entre as forças produtivas sociais e as relações de produção.” (MARX, 2008 [1859], p. 46)

Marx estaria apresentando uma concepção de ideologia, na verdade, das chamadas “formas ideológicas” que não tem uma conotação negativa, pelo contrário, que se apresentam como úteis e necessárias. (Haveria assim, mais de uma teoria e/ou acepção do termo ideologia em Marx, assim como apresentado anteriormente neste trabalho). E seria esta a interpretação que Gramsci teria feito do conceito em Marx. Além disto, Gramsci fora fortemente influenciado por Lênin e sua concepção de contraposição da ideologia burguesa por meio de uma ideologia socialista/proletária.

No entanto, Gramsci não ignora o fato de que há um aspecto “negativo” na noção de ideologia. Para o autor, é possível, e necessário, distinguir dois tipos de ideologia: “*ideologias arbitrárias*” e “*ideologias historicamente orgânicas*”.

As “*ideologias arbitrárias*” seriam elucubrações metafísicas inventadas por certos indivíduos, arbitrárias e ilusórias, e segundo Gramsci, mereceriam ser submetidas a crítica, que as desclassificariam.

As “*ideologias historicamente orgânicas*” seriam necessárias a uma certa estrutura, isto é, aquelas que “organizariam as massas” (LIGUORI, 2007, p. 84-85) e constituiriam “uma concepção de mundo que se manifesta implicitamente na arte, no

direito, na atividade econômica, em todas as manifestações da vida individual e coletiva” (LÖWY, 1985a, p. 155). Por fim, como afirma Konder (2002, p. 104-105), constituiriam “o campo no qual se realizam os avanços da ciência, as conquistas da *objetividade*”.

Antes de avançar nas implicações que o conceito de ideologia pode vir a ter na interpretação de Gramsci, é importante destacar, seguindo a pista de Guido Liguori (2007), que o conceito de ideologia em Gramsci se relaciona com uma “família de palavras” / “família de conceitos”: ideologia, filosofia, visão ou concepção do mundo, religião, conformismo, senso comum, folclore, linguagem. Segundo Liguori, cada uma destas palavras indicaria um conceito que não poderia ser sobreposto inteiramente ao outro, ao mesmo tempo em que estariam todos correlacionados entre si, formando

“uma rede conceitual que, no seu todo, desenha a concepção gramsciana de ideologia. Ideologia, filosofia, concepção de mundo, religião, senso comum etc. podem diferir segundo o grau de consciência e de funcionalidade, mais ou menos mediatas em relação à práxis e à política.” (LIGUORI, 2007, p. 91)

Feita esta apresentação da forma como o conceito “*ideologia*” se apresenta em Gramsci é possível destacar alguns elementos instigantes que podem ser extraídos desta noção: a relação entre ideologia e disputa/relações de poder e como Gramsci encara o marxismo dentro do debate da ideologia.

Segundo Eagleton (1991, p. 106-107), a relação entre ideologia e hegemonia, e portanto, entre ideologia e as relações de poder é fundamental, sendo a ideologia a “maneira como as lutas de poder são levadas a cabo no nível da significação”. Sendo assim, a luta pela hegemonia seria uma luta que passaria pela disputa de ideologias, retomando assim a questão apresentada anteriormente por Lênin.

E neste sentido, é preciso entender como o marxismo se inseriria no debate da ideologia. Para Gramsci, o marxismo (ou como o autor o chama, *a filosofia da práxis*) seria uma “*ideologia historicamente orgânica*” superior por seu caráter materialista e histórico, por, como salienta Guido Liguori (2007, p. 94), ter “consciência de ‘parcialidade’, ligada como esta a uma classe e a um momento histórico”. E esta compreensão da historicidade da *filosofia da práxis* (e das visões sociais de mundo como um todo) significaria reconhecer que ela pode (ou melhor, deveria) ser superada, em um momento em que a visão social de mundo marxista, expressão explicitadora das

contradições sociais, se tornasse superada. Logo, como Löwy (1985<sup>a</sup>, p. 109) destaca, “toda concepção de mundo, observa ele, pode, em certo ponto, assumir uma forma especulativa que representa simultaneamente seu apogeu histórico e os primórdios de sua dissolução”.

Esta análise do que seria o marxismo no cenário do debate em torno da questão da ideologia e a própria distinção feita por Gramsci entre “*ideologias arbitrárias*” e “*ideologias historicamente orgânicas*” aproximaria Gramsci da noção de ideologia (no caso as “*ideologias historicamente orgânicas*”) como visão/concepção social de mundo.

Para muitos autores, a saída para o espinhoso debate acerca do conceito de ideologia, de tal forma que esta perspectiva do condicionamento histórico e social possa ser mantida, é ao invés de utilizar o conceito de ideologia, utilizar um outro termo. Seguindo o caminho proposto por Michael Löwy (1985a; 1985b), é possível utilizar a noção de “*visão/concepção social de mundo*” em detrimento da noção de “*ideologia*”, sem com isto ser necessário entrar em todos os dilemas e questões tidas como “negativas” que envolvem a concepção de ideologia, tais como as relações de dominação da visão da classe dominante perante toda a sociedade. Diversos autores reconhecem neste termo – “*visão/concepção social de mundo*” – um sentido importante para a questão da ideologia, tais como Marx e Gramsci.

Além da questão do condicionamento histórico e social do debate acerca da ideologia, a sua orientação relacionada com a prática deve ser destacada. Conforme Leandro Konder (2002, p. 261) ressalta, Marx e Engels em suas “Teses sobre Feuerbach”, destacaram que a questão ideológica só poderia ser resolvida através da *práxis*.

“A *práxis*, então, é a atividade pela qual o ser humano se auto-realiza, fazendo sempre recuarem os limites que lhe são impostos. É uma atividade que carece de qualquer ponto fixo de chegada. Precisa se reinventar e para isso deve criar sempre teorias novas, construir novos conhecimentos, assumindo novos riscos. Podemos concluir, assim, que, de algum modo, *a questão da ideologia não pode ser inteiramente resolvida, ou, ao menos, não pode ter uma solução cabal, conclusiva, tranquilizadora. Ela será sempre ‘resolvida’, na medida do possível, em cada época, em cada contexto específico.*” (KONDER, 2002, p. 262 – grifos próprios do autor)

Neste sentido, apesar de não haver pretensão de se formular uma concepção final a respeito da questão da ideologia, considera-se que este caminho que evidencia a perspectiva histórico e socialmente condicionada do termo e a sua materialidade inerente é o caminho mais seguro para uma boa caminhada no campo deste conceito tão espinhoso que é a “*ideologia*.”

Além disto, conforme será melhor apresentado na próxima seção deste trabalho, considera-se que o conceito de ideologia seja um elemento fundamental para a história do pensamento econômico, e que, portanto, ainda que este estudo não apresente – e nem tenha a pretensão de apresentar – a “palavra final” acerca da questão da ideologia, a análise do conceito seja importante para este campo.

### **III – Alguns elementos acerca da análise de História do Pensamento Econômico (HPE) em Karl Marx**

Antes de apresentar, sinteticamente, os principais elementos que constituem a análise em história do pensamento econômico de Karl Marx, é importante apresentar, de forma sucinta, o método utilizado por Marx, o chamado *método materialista histórico dialético*.<sup>5</sup>

A partir da combinação do pressuposto materialista (de forma sucinta, o pressuposto materialista parte da noção de que as coisas existem, são concretas, e que é a partir da sua existência que são formuladas concepções e idéias sobre estas coisas – o “concreto pensado” – e portanto, que o movimento histórico concreto exerce forte influência sobre as idéias de determinado momento histórico) com a lógica dialética (que fora apresentada por Georg Wilhelm Friedrich Hegel) Marx estrutura seu método.

De forma sintética<sup>6</sup>, é possível identificar alguns elementos gerais característicos da dialética. A lógica dialética busca o movimento próprio do objeto sob análise, não sendo possível a compreensão deste objeto sem a compreensão de seu movimento. O objeto “era, é e tende a ser”, realizando um movimento contínuo. Este movimento depende da contradição, e a contradição se faz presente em todos objetos, assim, cada forma é uma “união de contrários”, uma “identidade de contrários”, o que “torna o

---

<sup>5</sup> Pode ser chamado também de método materialista dialético, no entanto, considera-se que o caráter histórico do método de Marx seja um elemento fundamental.

<sup>6</sup> Ver MALTA e CASTELO (2010) e IASI (2007).

movimento permanente, pois cada forma trás em si o germe de sua superação, a sua contradição”. O movimento, gerado pelas contradições, leva a um ponto de ruptura no qual ocorre “um salto de qualidade”, surgindo assim uma nova forma, que supera a anterior, mas também carrega em si alguns de seus elementos. Além disto, esta nova forma também se constitui em parte do germe que gerará a sua superação, ou seja, sua negação.

Nesta lógica, o concreto surge no pensamento como uma síntese, sendo o resultado e não somente ponto de partida (ainda que seja o ponto de partida da intuição e da representação do concreto), é assim, o “concreto pensado”. Neste método, a análise e a síntese estão unificadas, portanto, as determinações abstratas levam à reprodução do concreto, agora compreendido (por meio do pensamento).

É possível perceber que neste método proposto por Marx a incorporação da história na elaboração científica se torna fundamental, através da materialidade das relações sociais que constituem o objeto em questão e de sua expressão superestrutural, assim, Marx afirma que cada apresentação das formas de produção (e reprodução) da existência humana têm correspondência com formas específicas de estruturação social, além de valores e formas de apreensão da realidade.

Conforme destacado por Reginaldo Sant’Anna, na nota do tradutor à edição brasileira (1980) do livro *Teorias da mais-valia*, o estudo (analítico e crítico) feito por Marx das teorias econômicas formuladas nos períodos anteriores e também contemporâneos os seus escritos, ou seja, seu estudo e formulação em história do pensamento econômico, é parte constitutiva do pensamento e da obra de Marx<sup>7</sup>. Nas palavras de Sant’Anna, “É desse modo possível estabelecer relações e comparações entre suas teorias e as dos demais economistas, o que permite um conhecimento e uma avaliação mais seguros de suas idéias e proporciona capacidade maior de compreensão dos demais livros de *O Capital*.” (SANT’ANNA, 1980, p. 9). Dessa forma, esta síntese de seu método já apresenta os principais elementos de sua análise em história do pensamento econômico.

De acordo com Malta e Castelo (2010, p. 4-5), as análises de Karl Marx acerca da economia política e, portanto, suas formulações críticas, foram realizadas com base

---

<sup>7</sup> É importante destacar que a contribuição em HPE de Marx segue seu método e é parte constituinte dele, já que a análise de HPE de Marx constitui o seu trabalho de formulação de uma interpretação crítica ao capitalismo, através da análise aprofundada dos diversos autores e as diversas análises da realidade capitalista expressa pelos teóricos que constituíram a economia política, Marx pode apreender o mundo no qual vivia e analisava.

em um intenso e meticuloso estudo da literatura econômica de seu período, das obras dos autores europeus de várias gerações entre os séculos XVII e XIX. Uma forma de perceber alguns reflexos desses estudos é observar atentamente ao longo de todos os volumes de *O Capital* as diversas referências, citações e notas de rodapé a estes inúmeros autores.

Marx, em total sintonia com seu método teórico, considerava que é preciso compreender o processo de desenvolvimento e formulação das idéias econômicas, compreender o espaço concreto no qual as idéias são criadas, afinal, o conhecimento científico, para Marx, é um produto social. O pensamento econômico, portanto, deve ser analisado levando-se em conta, tal como destacado por Maurice Dobb (1973, p.6), “a intuição histórica, a perspectiva e a *visão social de mundo*” na qual as teorias econômicas são formuladas. (grifos próprios).

A obra de Marx que melhor explicita seus estudos e análises em história do pensamento econômico é a chamada *Teorias da Mais-valia*, ou *História das doutrinas econômicas*, que constituem os três volumes do livro IV de *O Capital*. Esta obra consiste em algumas notas (a imensa maioria) de um manuscrito escrito entre 1861 e 1863, no qual Marx expunha seus apontamentos acerca do estudo dos autores no campo da economia política até a sua época. No entanto, esta obra é pouco conhecida e difundida. Alguns elementos podem ser apontados como explicação deste fato. O primeiro é a forma como esta obra foi publicada. A primeira edição foi realizada entre 1905-1910 por Karl Kautsky, havendo mais de 40 anos se passado da primeira publicação do livro I de *O Capital* e, mais gravemente, esta edição foi (e é) alvo de intensas críticas, resultantes das alterações de organização feitas por Kautsky, assim como de erros de interpretação, conforme destaca Reginaldo Sant’anna em sua nota de tradutor à edição brasileira de 1980 do livro *Teorias da mais-valia*

“erros de interpretação associados a incompreensão da caligrafia do autor, supressões injustificáveis de passagens do manuscrito, erros de tradução para o alemão de passagens registradas originalmente em outras línguas e alterações na terminologia empregada por Marx” (SANT’ANNA, 1980, p. 11)

Outras publicações da obra, tentando suprimir os erros cometidos por Kautsky, só foram realizadas muitas décadas depois, sendo a publicação russa (realizada na União Soviética) realizada entre 1954 e 1961 e a alemã entre 1956 e 1962.

Malta e Castelo (2010, p. 5-6) apontam um outro elemento que tornaria a obra tão pouco difundida. Para os autores, o fato de a visão tradicional – presente, inclusive, em muitos pensadores dentro do marxismo – de história do pensamento econômico considerar a HPE uma “curiosidade de eruditos” e não parte constituinte e fundamental da teoria e do pensamento econômicos coloca a obra de Marx sobre este tema em segundo plano, não reconhecendo nela elementos fundamentais em sua análise crítica da economia política.

#### **IV – Ideologia e História do Pensamento Econômico (HPE)**

Antes de avançar na explicitação da presença da ideologia na abordagem de história do pensamento econômico desenvolvido por Marx é preciso reafirmar que a questão da ideologia é uma questão que provavelmente seguirá por muito tempo sem uma formulação conclusiva. Quiçá sempre será uma questão em aberto, repleta de polêmicas e contradições. Alguns autores preferem não entrar nesta polêmica e utilizarem o termo *visão de mundo*. Neste trabalho fez-se uma breve exposição da polêmica em suas diferentes acepções para mostrar que os diferentes elementos que possam vir a constituir o conceito, tais como “falsa consciência”, relação de dominação e a própria visão social de mundo, por exemplo, são elementos que podem estar presentes no conceito e em uma análise em história do pensamento econômico. Afinal, ao utilizar um método que coloca as questões do condicionamento histórico e social, da lógica dialética, do materialismo e da relação indissolúvel entre teoria e prática permite analisar o fenômeno abarcando estas questões.

Logo, é possível afirmar que abordagem para analisar o pensamento econômico desenvolvida por Marx tem como elemento fundamental a compreensão do pensamento econômico como um elemento indissociável entre a análise da realidade histórica e a visão de mundo sobre a qual esta análise é feita. A construção da história do pensamento econômico seria, portanto, um processo de compreensão das formas de apreensão da realidade econômica estruturada em cada tempo histórico específico, substancialmente influenciada e determinada pelos valores sociais desta época específica. Desta forma, a presença dos elementos históricos, sociais, políticos e ideológicos não pode ser ignorada no processo de formulação teórica em economia. Assim, realizar estudos em história do pensamento econômico significa compreender as



diversas interpretações e formulações econômicas de acordo com seu tempo histórico, seus elementos ideológicos e seus valores. A ideologia – ou, se preferir não entrar no debate acerca da questão da ideologia, a visão social de mundo – não é apenas um elemento acessório presente na abordagem de história do pensamento econômico de Marx, mas sim, um elemento fundamental desta abordagem.

Além disto, explorar a relação entre ideologia, teoria e história do pensamento econômico, recuperando o nexo entre estas três instâncias do pensamento, explicita o fato de a ideologia ser constituinte de todo e qualquer pensamento econômico. Este é um movimento que não segue as abordagens tidas como dominantes no meio acadêmico na área de história do pensamento econômico (estas abordagens tendem a separar elementos mais filosóficos, sociais e políticos das análises econômicas, de forma a buscar formulações mais “neutras” e “isentas” de elementos que não sejam considerados “científicos”), recuperando assim uma noção de economia e, portanto da teoria econômica e da história do pensamento econômico, que articula variados elementos constituintes da ciência que não são aqueles puramente analíticos.

## **Referências Bibliográficas**

DOBB, Maurice. *Teorias do valor e da distribuição desde Adam Smith*. Trad. Álvaro de Figueiredo. Lisboa, Ed. Martins Fontes, 1973.

EAGLETON, Terry. *Ideologia*. Trad. Silvana Vieira e Luís Carlos Borges. São Paulo, Boitempo e Unesp Editora, (1997) [1991].

IASI, Mauro Luis. *Ensaio sobre consciência e emancipação*, São Paulo: Expressão Popular, 2007.

LIGUORI, Guido. *Roteiros para Gramsci*. Trad. Luiz Sérgio Henriques. Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 2007.

LÖWY, Michael. *Ideologias e ciência social: elementos para uma análise marxista*. 18ª edição. São Paulo, Cortez, (2008) [1985b].

\_\_\_\_\_. *As aventuras de Karl Marx contra o Barão de Münchhausen*. 9ª ed. São Paulo, Cortez Editora, (2009) [1985a].

KONDER, Leandro. *A questão da ideologia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

MALTA, Maria; CASTELO, Rodrigo. *Marx e a história do pensamento econômico: um debate sobre método e ideologia*. Texto apresentado no seminário de pesquisa do Instituto de Economia da UFRJ no dia 25 de maio de 2010.

MARX, Karl. *Teorias da mais-valia: história crítica do pensamento econômico*. Vols. 1-3. Trad. Reginaldo Sant'Anna. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1980.

\_\_\_\_\_. *O 18 Brumário e Cartas a Kugelmann*. Trad. Leandro Konder e Renato Guimarães. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1997.

\_\_\_\_\_. *Manuscritos econômico-filosóficos*. Trad. Jesus Ranieri. São Paulo, Boitempo, 2004.

\_\_\_\_\_. *O Capital: crítica da economia política*. Vols. 1-6. Trad. Reginaldo Sant'Anna. 24ª edição. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2006.

\_\_\_\_\_. *Contribuição à crítica da economia política*. Trad. Florestan Fernandes. 2ª edição. São Paulo, Editora Expressão Popular, 2008.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A ideologia Alemã*. São Paulo, Boitempo Editorial, (2007) [1846].

SANT'ANNA, Reginaldo. Nota do tradutor *In: MARX, Karl. Teorias da mais-valia: história crítica do pensamento econômico*. Vols. 1-3. Trad. Reginaldo Sant'Anna. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, (1980) [Traduzido da edição russa de 1954].

ZIZEK, S. O espectro da ideologia. *In: ZIZEK, Slavoj. (org.). Um mapa da ideologia*. Trad. Vera Ribeiro. 3ª reimpressão. Rio de Janeiro, Contraponto, 1996.